

Gênero, raça e classe social: uma análise interseccional e discursiva nos contos “Maria”, de Conceição Evaristo, e “Pôncio e seus amores”, de Aldino Muianga

Gender, Race and Social Class: An Intersectional and Discursive Analysis of the Short Stories “Maria” by Conceição Evaristo and “Pôncio and his loves” by Aldino Muianga

Silvana Alves dos Santos
Universidade Federal de Mato Grosso
(UFMT) | Cuiabá | MT | BR
silvanaalvessantos@hotmail.com
<https://orcid.org/0000-0003-1623-3880>

Jozanes Assunção Nunes
Universidade Federal de Mato Grosso
(UFMT) | Cuiabá | MT | BR
jozanesnunes@ufmt.br
<https://orcid.org/0000-0002-4299-4037>

Resumo: Este trabalho tem por objetivo analisar os discursos que perpassam os contos “Maria” e “Pôncio e seus amores”, de Conceição Evaristo e Aldino Muianga, respectivamente, verificando como a escrita desses autores respondem ao feminismo interseccional das múltiplas dimensões de gênero, raça e classe social, a partir da “enformação” dada aos conteúdos e às formas que constituem as narrativas. Para tanto, toma como base a teoria bakhtiniana e estudos sobre a interseccionalidade, entre outros relacionados ao feminismo negro. A análise dialógica revela que os contos apresentam uma heterodiscursividade que expressa as axiologias e posições valorativas arrebanhadas do calor da ordem social, cultural e histórica, além de ratificar o entendimento de que mulheres negras se veem obrigadas a travar uma luta perene e agigantada para fugir das amarras do racismo, machismo, misoginia e de outras vertentes da desigualdade que as imprensam desde o período colonial.

Palavras-chaves: Literatura afro-brasileira; Literatura moçambicana; Dialogismo; Interseccionalidade.

Abstract: The aim of this paper is to analyze the discourses that permeate the short stories “Maria” and “Pôncio and his loves”, by Conceição Evaristo and Aldino Muianga, respectively, to see how the writing of these authors responds to the intersectional feminism of the multiple dimensions of gender, race and social class,



based on the “enformation” given to the contents and forms that make up the narratives. To this end, it is based on Bakhtinian theory and studies on intersectionality, among others related to black feminism. The dialogical analysis reveals that the short stories present a heterodiscursivity that expresses the axiologies and evaluative positions taken from the heat of the social, cultural and historical order, in addition to ratifying the understanding that black women are forced to wage a perennial and agigantic struggle to escape the bonds of racism, machismo, misogyny and other aspects of inequality that have imprinted them since the colonial period.

Keywords: Afro-Brazilian literature; Mozambican literature; Dialogism; Intersectionality.

Introdução

Há muitos estudos sobrelevando a importância político-social das literaturas construídas à margem. Essas produções são múltiplas e com focos bastantes diversificados, mas é seguro afirmar que elas convergem no ideal de dar visibilidade àqueles que sempre foram marginalizados e excluídos das dinâmicas sociais. Assim, configura-se uma expressão direta da subjetividade negra e das “camadas mais baixas da sociedade constituídas pelos modos específicos de exclusão dos mercados, da representação política e legal e da possibilidade de se tornarem membros plenos no estrato social dominante” (Spivak, 2010, p. 13). Perseguindo essa lógica, prima por abordar o avesso da história e valorizar os discursos daqueles que, de modo proposital, foram apagados, realizando um processo de “escovar a história à contrapelo” (Benjamin, 2012, p. 70).

Na acepção de Benjamin (2012, p. 70), escovar a história à contrapelo é narrar a história que a história não conta, é trazer as vozes que foram caladas, silenciadas. É apresentar uma narrativa mais fiel aos acontecimentos, infiltrando o contradiscurso dos vencidos, isto é, dos desfavorecidos economicamente, das mulheres, dos negros, dos homossexuais e de todos aqueles, cuja existência fora marcada ferozmente pela violência, exploração e negação de direitos básicos e essenciais, sem deixar, porém, de referenciar a luta, o poder de resistir para continuar existindo e fazendo história (Duarte, 2009, p. 64).

Construída sobre essas bases políticas e ideológicas, a literatura afro-brasileira e a literatura moçambicana materializam “um universo discursivo povoado por uma diversidade de linguagens e vozes sociais, que são pontos de vista específicos sobre o mundo, formas de sua compreensão verbalizada, horizontes semânticos e axiológicos.” (Bakhtin, 2015, p. 13). Esse heterodiscurso é conscientemente orquestrado para questionar a ordem vigente, mostrar que a desigualdade social é um processo latente dentro das relações sociais, presente em

várias partes mundo, mas que, de modo preponderante, atormenta a sociedade brasileira e africana e vem por anos a fio determinando um lugar aos grupos considerados subalternos.

Neste sentido, o interesse deste trabalho é mostrar que o *corpus* elegido para análise se destaca de outras narrativas de denúncia social, porque, reúne e aponta, de modo explícito, os mecanismos que imobilizam as mulheres negras na sociedade contemporânea, denotando que as variáveis econômicas, de gênero, de raça e de classe social se intersectam e atingem de modo distintos homens, mulheres, brancos e negros (Crenshaw, 2002, p. 172). Nessa direção, em diálogo com os pressupostos bakhtinianos e estudos interseccionais, analisaremos e daremos relevo aos discursos presentes nos contos “Maria” e “Pôncio e seus amores”, perseguindo o propósito de demonstrar como a escrita desses dois escritores reúne, nesses textos, a perspectiva interseccional de gênero, raça e classe social, a partir da “enformação” dada aos conteúdos e às formas que constituem as narrativas.

Sobre o aporte teórico

Percorrendo o histórico do universo romanesco, Bakhtin (2015, p. 27) destaca que o romance enquanto gênero é uma construção verbal “pluriestilística, heterodiscursiva, heterovocal”, rendido a leis estilísticas distintas e ancorando-se em planos linguísticos diferenciados. Isso quer dizer que, apesar de ter suas peculiaridades, origina-se a partir do agrupamento de fatos que ocorrem ou se dão na esfera jornalística, na ciência, na religião, nas culturas, nos costumes e demais formas de produzir conhecimento e modos de organização de vida, refratando e refletindo o que previamente já foi vivido ou dito por alguém, em um determinado contexto da existência humana. Insiste o teórico que o romancista se utiliza de diversos gêneros e das linguagens que os compõe como “formas elaboradas de assimilação verbal da realidade” (Bakhtin, 2015, p. 109).

Sob essa perspectiva, explica Bakhtin (2019, p. 66), que o romance agrega a particularidade de ser “[...] o único gênero em formação e ainda inacabado”, lhe afiança ser distinto de qualquer outro gênero discursivo. Nas palavras do autor, essa excentricidade, se dá porque as nuances que dão origem ao romance, emaranham-se diante dos nossos olhos, são colhidas nas transformações históricas, nos pontos de vista, no florescimento de novas ideias e visões de mundo, nos acontecimentos diários que constituem e integram a vida social. Diríamos também que o romance é o único gênero criado e “alimentado por uma nova época da história mundial, e por isso profundamente consanguíneo dela, ao passo que outros gêneros foram herdados por ela em sua forma acabada, e apenas se adaptam – uns melhor, outros pior – às condições de existência” (Bakhtin, 2019, p. 67).

Nesse enquadramento, para edificar uma obra, o prosador reúne todos os fatos que lhe for útil, ressignifica e acrescenta o que lhe convier, à luz das especificidades literárias e os reproduz em um mundo criado pela sua imaginação, imprimindo-lhe a subjetividade que for possível. Essa peculiaridade autoriza o romancista criar variadas enunciações, envoltas de crenças e valores, situadas em contextos sócio-histórico-culturais próprios e envolvendo interlocutores específicos. Por ser assim, tão multifacetado, o romance e os gêneros romanescos em geral também se mostram como um instrumento robustamente ideológico, “que nos autorizam a desafiar os limites de uso das palavras para evidenciar, denunciar, mascarar ou dissimular uma dada realidade social” (Santos; Nunes, 2022, p. 192).

Assim, não é difícil perceber que o homem no romance é fundamentalmente o homem que fala, visto que, a prosa é construída por enunciados arrebanhados dos múltiplos e variados discursos que circulam no mundo. Neste processo, o que se observa é que, a palavra para alcançar o caráter dialógico, não pode juntar-se ao romance de forma congelada ou coisificada. Também não é possível separá-la do contexto que surge, porque, certamente ela esvaziaria-se de sentido, perderia o valor semântico e todo o poder que retém. Nessa linha interpretativa, faz-se imprescindível recorrer aos apontamentos realizados por Nunes (2019, p. 30) que, com base na teoria bakhtiniana, destaca:

A palavra apropriada é própria à medida que é usada em contextos específicos, com uma intenção discursiva definida. Todavia, mesmo sendo atualizada em contextos únicos, ainda que singular, a palavra é sempre novamente orientada dialogicamente a um interlocutor real ou virtual, presente ou ausente, próximo ou distante de outros discursos já proferidos e antecipados.

Feitas essas considerações, cabe assinalar que essas características atravessam, em maior ou menor grau, todo e qualquer gênero discursivo. Com isso em mente, observaremos na composição de “Maria”, de Conceição Evaristo, e “Pôncio e seus amores”, de Aldino Muianga, como se dá a seleção vocabular/linguística que compõe o plano discursivo dos autores, como este é esteticamente organizado de modo a refratar suas ideias e julgamentos de valor colhidos no mundo real e transplantados para obras. Neste sentido, temos em mente que encontraremos nestes escritos uma mescla de discursos oriundos “do dia a dia”, do “retórico” e possivelmente “do científico”, entre outros (Bakhtin, 2015, p. 51). E que todos os enunciados que os compõe estarão “agitado e tenso de discursos, avaliações e acentos alheios” (Bakhtin, 2015, p. 48).

Para o recorte analítico aqui proposto, é válido considerar outro conceito essencial à análise da linguagem literária. Trata-se da distinção cunhada por Bakhtin (2011) sobre as instâncias criadoras insoláveis: autor-pessoa, autor-criador e autor-contemplador. A primeira entidade é concebida pelo autor russo como a pessoa física, o escritor, o artista. Já o segundo é o responsável pela construção da forma artística. É o autor-criador quem dá à personagem e ao enredo os contornos materiais à luz de um movimento axiológico e semântico, ou seja, a partir de um modo próprio e pessoal de ver o mundo (Faraco, 2005, p. 42). O terceiro elemento da tríade é o leitor (autor-contemplador), participante externo da obra, que, a partir da contemplação/leitura, atribui uma nova carga de valor, amplamente balizada pelas ideologias na qual está imerso (Bakhtin, 2011, p. 9).

São essas elucubrações, os pilares sob o qual se assenta nosso trabalho de análise dos contos “Maria”, de Conceição Evaristo, e “Pôncio e seus amores”, de Aldino Muianga. Ainda que se pense que esses escritos estejam imersos em contextos descoincidentes em relação à cultura, à organização social, aos costumes, aos modos de vida e à localização geográfica, há dentro das obras e entre as obras traços que ensejam mútuas relações discursivas e que retumbam, portanto, relações dialógicas. Nesse sentido, as duas narrativas corroboram para demonstrar que a questão das desigualdades sociais no mundo é sistêmica e antiga, mas que, mulheres negras, são mais afetadas, porque “partem de pontos diferentes e consequentemente desiguais” (Ribeiro, 2019, p. 42).

A interseccionalidade

A ideologia da inferioridade da raça, atrelada à construção social negativa do que é ser mulher, provoca um alargamento das exclusões que sofre a população feminina negra. Restritas de participação social, os corpos e as vidas dessas mulheres são relegados a espaços que são desassistidos pelo Estado. Segundo Carneiro (2019, p. 15), as condições socioeconômicas desses grupos, em várias partes do mundo, são piores do que qualquer outro seguimento populacional, pois elas tendem a participar menos do mercado de trabalho, com uma taxa inferior à das mulheres brancas, que já é considerada baixa. Em relação ao homem negro, a mulher negra também perde em questão de renumeração e espaço no mercado de trabalho, conforme informações coletadas pelo Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese, 2021).

Convergindo dialogicamente com Carneiro (2019), os estudos de Dalcastagnè (2014, p. 299) reforçam que “ser mulher e ser negra marca um espaço de interseccionalidade onde atuam diferentes modos de discriminação, raramente reconhecidos. Os eixos de poder raça, gênero, etnia e classe fundamentam e estruturam os âmbitos sociais, políticos e econômicos, derivando daí uma bagagem única de opressão social que só as mulheres não brancas experimentam (Santos; Nunes, 2022, p. 19).

Dalcastagnè (2014), destaca que, apesar das injustiças geradas pela tríade racismo, sexismo e classe já terem sido amplamente denunciadas por diversas estudiosas feministas, o cerne da questão reside na intencionalidade. O termo, na forma como é percebido e analisado na contemporaneidade, engloba uma concepção revolucionária, uma quebra com as visões monolíticas e rasas acerca das circunstâncias sociais que impactam a realidade feminina negra.

Collins (2021) pondera que a interseccionalidade é uma ferramenta metodológica analítica imprescindível para se compreender que as relações de poder que aglutinam gênero, raça e classe não se manifestam como elementos distintos e excludentes, mas sim como mecanismo que se entrecruzam e agem de maneira conjugada, criando barreiras adicionais e até mesmo intransponíveis para mulheres negras. Para a autora,

A interseccionalidade investiga como as relações interseccionais de poder influenciam as relações sociais em sociedades marcadas pela diversidade, bem como as experiências individuais na vida cotidiana. Como ferramenta analítica, a interseccionalidade considera que as categorias de raça, classe, gênero, orientação sexual, nacionalidade, capacidade, etnia e faixa etária — entre outras — são interrelacionadas e moldam-se mutuamente. A interseccionalidade é uma forma de entender e explicar a complexidade do mundo, das pessoas e das experiências humanas (Collins, 2021, p. 16).

Segundo a perspectiva de Santos e Nunes (2022), com fundamento em Crenshaw (2002), considerar essas afirmações implica em entender que a interseccionalidade examina os diversos sistemas de subordinação, que são comumente descritos de várias maneiras: dupla discriminação, tripla discriminação, discriminação composta e cargas múltiplas. Dito de outro modo, pode-se dizer que a interseccionalidade, relaciona “as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação” (Crenshaw, 2002, p. 177).

Ademais, explica como “o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras” (Crenshaw, 2002, p. 177).

Todos esses argumentos ratificam que, além das questões de gênero e raça, há outros marcadores que hierarquizam as experiências e concorrem para o dilatamento das exclusões, amontoando mulheres negras em espaços desprestigiados e degradantes da sociedade. Dito isso, a seguir, demonstraremos como essas vozes feministas dão forma aos contos “Maria” e “Pôncio e seus amores” e como essas duas narrativas espelham as circunstâncias de opressão e marginalização ocasionadas pelo gênero, raça e classe social, e como tais eixos opressores recaem sobre as personagens negras femininas, enredando-as para invisibilidade e para as margens da sociedade.

Gênero, raça e classe social nos contos “Maria”, de Conceição Evaristo, e “Pôncio e seus amores”, de Aldino Muianga

“Maria” é um dos quinze contos que integram a obra *Olhos D’água*, escrita por Conceição Evaristo, publicada em 2016. Narra a história de uma mulher negra, moradora de favela, que sobrevive da prestação de serviços em casas de famílias ricas. A heroína é mãe solo, arca com as responsabilidades familiares sozinha. Após um dia de muito trabalho, bastante cansada, embarca em um ônibus que esperou por horas para voltar para casa. Durante o percurso, o coletivo é assaltado pelo ex-companheiro, pessoa por quem fora apaixonada e com quem teve o primeiro dos seus três filhos. Os passageiros, revoltados com o assalto, ficam ainda mais irados quando percebem que Maria foi a única pessoa que estava no ônibus e não foi assaltada, passando a ofendê-la, humilhá-la e agredi-la até a morte.

Narrado em terceira pessoa, o conto é enformado em três laudas e meia, ambientado em dois lugares: o ponto de ônibus e o interior do coletivo. A pluridiscursividade manejada pela autora-criadora, traz a heroína na primeira linha do conto, cujas informações que seguem a descrevem como uma cidadã que pertence ao substrato social que agoniza com “as consequências interativas do racismo e da discriminação sexual”, que tem “a fruição dos direitos e garantias básicas” drasticamente limitados e que, portanto, maneja num modo de vida social frágil e insustentável (Crenshaw, 2002, p. 182). Examinemos:

Maria estava parada há mais de meia hora no ponto de ônibus. Estava cansada de esperar. Se a distância fosse menor, teria ido a pé. Era preciso mesmo ir se acostumando com a caminhada. Os ônibus estavam aumentando tanto! Além do cansaço, a sacola estava pesada. No dia anterior, no domingo, havia tido festa na casa da patroa. Ela levava para casa os restos. O osso do pernil e as frutas que tinham enfeitado a mesa. Ganhara as frutas e uma gorjeta. O osso a patroa ia jogar fora. Estava feliz, apesar do cansaço. A gorjeta chegara numa hora boa. Os dois filhos menores estavam muito gripados. Precisava comprar xarope e aquele remedinho de desentupir o nariz. Daria para comprar também uma lata de Toddy. As frutas estavam ótimas e havia melão. As crianças nunca tinham comido melão. Será que os meninos gostavam de melão? (Evaristo, 2016, p. 39-40).

Pode-se dizer que a escolha pela ambientação “ponto de ônibus” é um indicativo da segregação entre os grupos socioeconômicos divergentes, pois sabe-se que pelo local transita a população de baixa renda, que tem, na maioria das vezes, o transporte público como único meio para se locomover. No período seguinte, a autora-criadora destaca que a protagonista “Estava cansada de esperar”, aludindo a longas esperas que essas trabalhadoras enfrentam para retornar a periferias ou favelas onde residem, após jornadas de trabalho pesadas e exaustivas. Em “Se a distância fosse menor, teria ido a pé”, o uso da oração subordinada adverbial condicional, introduzida pela partícula “se”, descortina as longas distâncias que as operárias realizam cotidianamente para poder prover o mínimo às suas famílias. Essas questões, ao nosso ver, comprovam a alusão à classe.

Não deixemos de notar que os fios discursivos expõem que “Maria” não recebia auxílio transporte por parte de seus empregadores, pois narra-se que “Se a distância fosse menor, teria ido a pé. Era preciso mesmo ir se acostumando com a caminhada. Os ônibus estavam aumentando tanto!”. Ao mencionar o inflacionamento da tarifa, a narradora deixa entrever que, muito em breve, para continuar trabalhando, Maria terá que ir a pé para o trabalho, fato que certamente redimensionaria sua exaustão. Fica subentendido que a protagonista não tem salário fixo, nem qualquer garantia trabalhista assegurada, pois pelo dia árduo de trabalho, “Ganhara as frutas e uma gorjeta”. Levou também para casa o osso do pernil que a “patroa ia jogar fora” acionando que as vozes que o conto reúne entoam que a fome e a insegurança alimentar rondam a protagonista e seus rebentos.

Repara-se que a ideologia veiculada pelo ato narrativo ergue crítica aos valores e às ideias que sustentam as sociedades capitalistas. Temos declarado que o trabalho doméstico, embora contribua para o bem-estar das famílias e, em muitos casos, favoreça o aumento do capital de quem pode contratá-lo, não é reconhecido, tampouco valorizado. Essa forma de entender o serviço doméstico como algo irrelevante e de menor valor frente a outras ocupações, passa também pelo fato de ser realizado, em sua maioria, por mulheres negras. Sendo elas de existência ofuscada pelo gênero e pela raça, ao tomar essa atividade laboral como meio de sobrevivência, passam também a serem vítimas de relações de poder que emanam das questões de classe social, já que muitos empregadores se servem dessa condição para não renumerar adequadamente e, até mesmo, se eximirem da obrigação de pagar o que é devido (Crenshaw, 2002, p. 183).

Por vezes, nota-se que o trajeto responsivo assumido pela autora-criadora reúne ideias e valores que não se desviam da perspectiva interseccional. Nesse jogo discursivo, as enunciações que destacam o discurso do outro podem ser visibilizadas quando a autora-criadora dá um caráter individualizado ao sentido de que mulheres negras não são somente alvos das inserções sociais e econômicas de menor status social e salarial, como também são as vítimas preferenciais da exploração da sua capacidade produtiva. Esse recorte plurivocal, sob uma orientação particular e específica, convoca uma convergência dialógica com a perspectiva feminista, reiterando que a figura feminina negra continua acumulando “desvantagens em qualquer aspecto da vida social” (Carneiro, 2019, p. 47).

Igualmente, percebe-se que o universo heterodiscursivo da obra concatena dialogicamente com as enunciações de Ribeiro (2019, p. 65), reiterando a premissa de que, o fato de “mulheres negras ocuparem lugares de maior vulnerabilidade faz com que certas medidas consideradas retrógradadas atinjam esses grupos de maneira mais acintosa”. Soma-se a isso, o fato de a subjetividade criadora do texto contribuir para evidenciar que o perfil

elegido para o trabalho doméstico continua a reproduzir não só a ordem escravocrata, mas também às construções conservadoras de gênero que definem perfis e identidades negativas para mulheres negras (Gonzalez, 2018). Constata-se, assim, uma relação dialógica de ratificação das pautas feministas.

Ainda dentro dessa perspectiva analítica, chama a atenção, em especial, a forma como a autora se serve dessas vozes feministas para estruturar suas necessidades enunciativas e colocar para o autor-contemplador detalhes visuais que lhe instigam a imaginação e o leva compreender que existem situações que somente uma mulher negra pode experimentar. O juízo de valor que encorpa as imagens projetadas na obra, reclamam que os sistemas de dominação – gênero, raça e classe – atuam conjuntamente e retiram de Maria não só a dignidade e a qualidade de vida, como lhe suga a própria vida, já que a empobrecida empregada doméstica não conseguirá chegar em casa. Averiguemos como essa questão revela-se no plano narrativo:

Ao entrar, um homem levantou lá de trás, do último banco, fazendo um sinal para o trocador. Passou em silêncio, pagando a passagem dele e de Maria. Ela reconheceu o homem. Quando tempo, que saudades! Como era difícil continuar a vida sem ele. Maria sentou-se na frente. O homem assentou-se ao lado dela. Ela se lembrou do passado. Do homem deitado com ela. Da vida dos dois no barraco. Dos primeiros enjoos. Da barriga enorme que todos diziam gêmeos, e da alegria dele. Que bom! Nasceu! Era um menino! E haveria de se tornar um homem. Maria viu, sem olhar, que era o pai do seu filho. Ele continuava o mesmo. Bonito, grande, o olhar assustado não se fixando em nada e em ninguém. Sentiu uma mágoa imensa. Por que não podia ser de outra forma? Por que não podiam ser felizes? E o menino, Maria? Como vai o menino? cochichou o homem. Sabe que sinto falta de vocês? Tenho um buraco no peito, tamanha a saudade! Tô sozinho! Não arrumei, não quis mais ninguém. Você já teve outros... outros filhos? A mulher baixou os olhos como que pedindo perdão. É. Ela teve mais dois filhos, mas não tinha ninguém também! Homens também? Eles haveriam de ter outra vida. Com eles tudo haveria de ser diferente. Maria, não te esqueci! Tá tudo aqui no buraco do peito... (Evaristo, 2016, p. 40).

O encontro do casal traz uma emotividade fugaz para o texto. O “ex-homem” de Maria, em meio ao barulho e às turbulências que ocorria dentro do ônibus, vai sussurrando palavras que fazem a protagonista voltar no tempo e rememorar os dias felizes que tivera ao lado do pai do seu filho. Ele a conforta, faz confissões, pergunta sobre o filho e demonstra arrependimento por tê-los deixado: “Maria, não te esqueci! Tá tudo aqui no buraco do peito...”. Após essa fala, a áurea romântica transfigura-se rapidamente e a aflição e a angústia passam a dominar a trama:

[...] levantou rápido sacando a arma. Outro lá atrás gritou que era um assalto. Maria estava com muito medo. Não dos assaltantes. Não da morte. Sim da vida. Tinha três filhos. O mais velho, com onze anos, era filho daquele homem que estava ali na frente com uma arma na mão. O de lá de trás vinha recolhendo tudo. O motorista seguia a viagem. Havia o silêncio de todos no ônibus. Apenas a voz do outro se ouvia pedindo aos passageiros que entregassem tudo rapidamente. O medo da vida em Maria ia aumentando. Meu Deus, como seria a vida dos seus filhos? Era a primeira vez que ela via um assalto no ônibus. Imaginava o terror das pessoas. O comparsa de seu ex-homem passou por ela e não pediu nada. Se fossem outros os

assaltantes? Ela teria para dar uma sacola de frutas, um osso de pernil e uma gorjeta de mil cruzeiros. Não tinha relógio algum no braço. Nas mãos nenhum anel ou aliança (Evaristo, 2016, p. 41).

No primeiro plano, a autora-criadora destaca o sofrimento da protagonista, registrando que ela não temia o perigo colocado pelos assaltantes, tão pouco a morte, “Sim da vida”, a vida em questão e a dos filhos. Ali acuada, a heroína conjecturava o destino cruel e ainda mais miserável que levariam, caso ela morresse: “O mais velho, com onze anos, era filho daquele homem que estava ali na frente com uma arma na mão.” (Evaristo, 2016, p. 41). Obviamente, Maria não queria que nenhum de seus meninos fosse absorvido pelo crime, não queria vê-los envolvidos com atividades ilegais, então, precisava continuar viva, cuidar deles. Só pensava neles: “Meu Deus, como seria a vida dos seus filhos?” Essa tensão narrativa instaurada pelo assalto, ocorreu de forma rápida e assim que os assaltantes finalizaram o “trabalho”, desceram do ônibus e desapareceram:

Alguém gritou que aquela puta safada conhecia os assaltantes. Maria assustou-se. Ela não conhecia assaltante algum. Conhecia o pai do seu primeiro filho. Conhecia o homem que tinha sido dela e que ela ainda amava tanto. Ouviu uma voz: Negra safada, vai ver que estava de coleio com os dois. Outra voz ainda lá do fundo do ônibus acrescentou: Calma gente! Se ela estivesse junto com eles, teria descido também. Alguém argumentou que ela não tinha descido só para disfarçar. Estava mesmo com os ladrões. Foi a única a não ser assaltada. Mentira, eu não fui e não sei por quê. Maria olhou na direção de onde vinha a voz e viu um rapazinho negro e magro, com feições de menino e que relembra vagamente o seu filho. A primeira voz, a que acordou a coragem de todos, tornou-se um grito: Aquela puta, aquela negra safada estava com os ladrões! O dono da voz levantou e se encaminhou em direção a Maria. A mulher teve medo e raiva. Que merda! Não conhecia assaltante algum. Não devia satisfação a ninguém. Olha só, a negra ainda é atrevida, disse o homem, lascarando um tapa no rosto da mulher. Alguém gritou: Lincha! Lincha! Lincha!... Uns passageiros desceram e outros voaram em direção a Maria. O motorista tinha parado o ônibus para defender a passageira: Calma, pessoal! Que loucura é esta? Eu conheço esta mulher de vista. Todos os dias, mais ou menos neste horário, ela toma o ônibus comigo. Está vindo do trabalho, da luta para sustentar os filhos... Lincha! Lincha! Lincha! Maria punha sangue pela boca, pelo nariz e pelos ouvidos. A sacola havia arrebentado e as frutas rolavam pelo chão (Evaristo, 2016, p. 41-42).

Percebe-se que a tensão ideológica que atravessa o conto gira em torno da temática gênero, raça e classe, apontando como esses mecanismos condicionam estruturalmente a percepção dos passageiros sobre Maria. No excerto, todos esses eixos de poder surgem amalgamados e conseguem marginalizar a personagem de tal maneira, que sua imagem perante os outros passageiros, expressa-se de modo altamente depreciativo, como se comprova pelas falas “aquela puta safada”. Mais adiante essa voz misógina e preconceituosa aparece novamente “Aquela puta, aquela negra safada estava com os ladrões!”. Vejam que ao termo negra, utilizado para referir-se à Maria é acrescido o adjetivo “safada” valorando-o de modo negativo. Em seguida, deflagram-se as acusações e a fúria contra a protagonista.

Apesar de algumas vozes intercederem em favor de Maria, o esforço foi em vão, pois a ela não foi concedido o direito de se defender e quando tentou foi silenciada com mais agres-

sões verbais: “a negra ainda é atrevida”. Observa-se que essa cena apresenta uma relação de convergência com os estudos formulados e replicados por Spivak (2010, p. 67), quando delata que “o sujeito subalterno não tem história e não pode falar, o sujeito subalterno feminino está ainda mais profundamente na obscuridade”. Percebe-se que a posição da autora vai ao encontro do discurso de Spivak (2010), apontando que, no imaginário social, a mulher negra ocupa o lugar da desqualificação e da desumanização e esse lugar de descrédito não lhe permite discursar, nem mesmo para se defender das acusações sem fundamento.

Nas representações sociais do conto, o que se percebe é que “o falar”, o poder de se manifestar, se defender “não se restringe ao ato de emitir palavras, mas de existir” (Ribeiro, 2019, p. 64). Atenta-se que para mulheres como Maria “o exercício dos direitos sociais e individuais, a liberdade, a segurança, o bem-estar, o desenvolvimento, a igualdade e a justiça” e outras garantias fundamentais tão ufanadas pela Constituição Federal (1988) não se aplicam. Maria é inocente, mas o fato dela ter a pele preta, ser mulher e pertencer a uma classe econômica desfavorecida, a fez ser arbitrariamente julgada e sentenciada com o linchamento: “quando o ônibus esvaziou, quando chegou a polícia, o corpo da mulher estava todo dilacerado, todo pisoteado.” (Evaristo, 2016, p. 42). É assim que a autora demonstra que racismo, sexismo e classicismo se curvam às injustiças e alicerçam contextos ilícitos e bárbaros, cujo saldo é sempre nefasto para as mulheres negras.

Destoando da construção narrativa de “Maria”, o conto “Pôncio e seus amores”, inscrito na obra *A noiva de Kebera* (2016), do escritor Aldino Muianga, nos traz outras inscrições sobre gênero, raça e classe. Nesta trama, o núcleo dramático gira em torno de um protagonista masculino, que, através de suas atitudes e comportamentos, vai apontando as implicações culturais que definiu e ainda vem sustentando os papéis atribuídos à mulher negra na sociedade moçambicana. Para tanto, toda a reflexão em torno do conto remete aos tratamentos desrespeitosos, vexatórios e pouco sensível às necessidades e ao bem-estar desse grupo. Inunda o texto a mensagem de que a dinâmica relacional contingencia a população feminina à função de serviçal, esposa, dona de casa, mãe e objeto de prazer, deixando-as reféns dos caprichos e dos mandos masculinos.

É neste sentido que a personalidade e o caráter do protagonista são moldados. Cabe observar que o próprio nome da narrativa “Pôncio e seus amores” já comporta uma carga heterodiscursiva que reúne uma tessitura de vozes com vistas a carregar essa abundância de significações e previamente nos revelar o conteúdo que será enformado no conto. O conto nos narra a história de um homem que trabalha em uma instituição financeira, casado, pai de cinco filhos, mas que costuma ser indiferente e infiel à esposa, às atribuições do casamento e à sua prole. Pôncio, como o próprio autor-criador metaforicamente o descreve, é uma “ave de arribação”, sempre “foi de certo modo, inconstante no relacionamento com mulheres. Sabe-se atraente, sedutor e bem-falante” (Muianga, 2016, p. 119).

No dicionário Michaelis (2008), “ave de arribação” significa pássaro migratório, que emigra constante para outros lugares e, no popular, quer dizer pessoa que não se fixa em lugar algum; forasteiro, andarilho. A metáfora, manuseada pelo autor, transmite bem a natureza e as características emocionais e a personalidade instável do protagonista, pois assim como as aves têm a tendência de migrar rapidamente para outros lugares, Pôncio também assume o lugar de transeunte, no sentido de que, mesmo sendo casado, pula constantemente de um relacionamento amoroso para outro. Por certo, essa voz que tricota a representação comportamental do personagem, derrama no texto uma repulsa contra a traição e reflete

a importância que o autor-criador tenta instituir à fidelidade e ao compromisso conjugal. Assim, juízo de valor sulcado, não se harmoniza com as atitudes que Pôncio manifesta em relação às mulheres.

No quesito foco narrativo, o conto se assemelha à estrutura de *Maria*, pois a perspectiva escolhida para contar história é a terceira pessoa, com foco nas atitudes insensatas do protagonista, mas também em algumas ações de personagens secundárias, evidenciando que o lugar social da mulher negra moçambicana está na base da pirâmide, voltado para funções domésticas, cuidado, trabalho não remunerado, dependência econômica e subserviência. Em maior parte, tem como cenário o interior de uma instituição bancária, local de trabalho e onde Pôncio conhece, seduz e atrai suas parceiras para as aventuras extraconjugais. É neste lugar que Pôncio avista uma cliente que lhe prende a atenção: “ele deita sobre ela um olhar curioso” (Muianga, 2016, p. 114). O funcionário, examina a conta da cliente e forja uma situação para retê-la mais tempo no local: “Há um problema na sua conta”. Diz que precisa averiguar e pede que a mulher aguarde (Muianga, 2016, p. 114).

Enquanto o tempo transcorre, o autor, sem mencionar o nome e sem quaisquer sinais que responsabilize a personagem pelo interesse que despertara em Pôncio, a descreve como uma “senhora”, de estatura baixa, que usava turbante colorido e “um vestido confeccionado com o mesmo tecido, estampado com imagens sugestivamente afrotropicais, que lhe desce até os pés” (Muianga, 2016, p. 114). Casada, “aos vinte e cinco anos de idade já ia no quarto filho e levava uma vida de obediência cega e incondicional” (Muianga, 2016, p. 114). Era, segundo o narrador, muito sozinha, sem amigos e que “faz a vida entre quatro paredes da casa, enfadonha, triste e vazia”. Sobre o esposo, temos as seguintes descrições:

Intransigente e conservador, o esposo é o produto de uma educação austera, de linha tradicional. Fez-se homem nas matas da luta da libertação. Hoje, nestes primeiros alvares da independência, é influente, poderoso, respeitado e medalhado pela bravura e intrepidez reveladas nas emboscadas do inimigo colonial-português. Confinava a esposa nos estreitos limites do lar (Muianga, 2016, p. 116).

[...] dirige a casa como uma posição avançada do seu comando: com mão-de-ferro, tirania e prepotência. Comandante de uma unidade operacional, passa os dias ausentes de casa, em jantares de serviço, em reuniões no Estado-maior, em operações ou em delegações no estrangeiro. Nas raríssimas noites de intimidade conjugal precede o ato definindo estratégias, esboçando planos de assaltos às bases do inimigo, a corrigir posições. Pela madrugada, embarca no WAZ a caminho do quartel com a promessa de voltar daí tempos. Resignadamente, ela aceitou esta fatalidade como algo que se agravou profundamente no seu destino (Muianga, 2016, p. 117).

Temos claro que ao utilizar os adjetivos “intransigente e conservador” para qualificar a personalidade do esposo, o autor-criador aponta a intenção de construir a imagem deste homem, axiologicamente atrelado a sentimentos e comportamentos difíceis de serem aturados. Intransigente é aquele que é inflexível em suas ideias e valores, agindo de modo ríspido, implacável e rigoroso, sem dar espaços para que ocorra a concessão sobre algo que tem como convicto. O vocábulo conservador, por sua vez, possui uma cobertura semântica bastante próxima de intransigente. O sujeito conservador costuma ser radicalmente contrário a mudanças ou adaptações de caráter moral, social, político e religioso (Michaelis, 2008).

Os termos “mão-de-ferro, tirania e prepotência”, escolhidos para compor o segundo excerto e exemplificar o modo como o esposo administra o lar e o tratamento que dispensa à esposa, reforçam nossa convicção de que se trata de um homem metódico, ríspido e rude, que direciona toda sua atenção para o trabalho. Vê a esposa como um objeto que se integra a seu patrimônio e lhe pertence, devendo, assim, obedecer-lhe cegamente. Amor, carinho e atenção não presidem os atos do convívio conjugal. As descrições que seguem, reforçam ainda mais o temperamento complicado que certamente prejudicam o relacionamento e a vida da esposa. Adensa o narrador que:

É certo que, por via da política de promoção da mulher, do receio dos comentários da vizinhança e dos camaradas da Frente, o esposo abriu exceção que se impunha; deixou-a matricular-se num curso de alfabetização, à tarde, e a assistir as reuniões da organização da mulher. A vontade de aprender e conhecer o mundo catapultou-a para uma terceira classe, hoje é a secretária para mobilização no comitê do círculo (Muianga, 2016, p. 116).

Nossa compreensão ativo-dialógica das informações que preenchem o sentido da passagem acima nos direciona a afirmar que a conduta desse personagem foi elaborada com vistas a representar a ideologia que recusa a igualdade de direitos e deveres entre homens e mulheres. A posição semântica valorativa que domina o excerto deixa visível que o esposo é uma figura representativa do machismo enraizado socialmente, que se vale do sistema hierárquico de gêneros, para validar seu “poder de macho” (Saffioti, 1987, p. 16). Notem que no enunciado o “esposo abriu exceção que se impunha; deixou-a matricular-se num curso de alfabetização”. Os verbos “abrir” e “deixar”, empregados no pretérito perfeito do indicativo, comprovam a ideologia machista, pois acenam que a esposa não era dona das próprias decisões, vivia à mercê das vontades do marido “intransigente e conservador” (Pereira, 2018, p. 24).

Além disso, as vozes que se aglutinam no cômputo do discurso, ventilam a ideia de que essa conduta machista e cerceadora de direitos, também é amplamente praticada por pais, irmãos e outros integrantes da família e da sociedade moçambicana. Essas interpretações se apoiam no enunciado “curso de alfabetização”. Sendo tal proposta de formação direcionada a pessoas analfabetas, conclui-se que a personagem até o ingresso no curso não possuía conhecimento algum sobre as letras, nunca tendo, portanto, apoio, nem meios para frequentar a escola. O autor-criador, ao reconhecer esse posicionamento das mulheres na sociedade e colocá-lo como ponto que produz subalternização, que inviabiliza o acesso à qualidade de vida e ao engajamento social, expressa uma convergência dialógica com as teorias feministas interseccionais e, assim como estes estudos, contribuiu ativamente para a produção de sentidos acerca dos sistemas de privilégios que permite a poucos terem muito e a outros não terem nada (Carneiro, 2019, p. 47).

Por todo o enredo se percebe um esforço do prosador em se apropriar do vivido e, a partir de um trabalho estético, colocar essa realidade na boca ou na conduta de seus personagens. Para compor os personagens homens, recorre às vozes sociais conservadoras, que se entulham aos montes no imaginário social e objetivam unicamente manter a desigualdade e deixar mulheres refém de um sistema tirânico, que as afasta para longe das escolas e do mercado de trabalho, por consequência, ficam sem renda e sem condições de garantir sua sobrevivência. Em função da dominação masculina muitas se veem obrigadas a aceitarem o comportamento

desregrado, pouco cortês e desrespeitoso por parte dos companheiros. Observemos como o autor coloca essa questão no conto, quando retrata a relação de Pôncio com a esposa:

Fora lhe impingindo um casamento, já se vão oito anos, do qual teve cinco filhos. O lar mantém-se até à data sob um equilíbrio instável, nem água vem, nem água vai. Não que tenha em vista divorciar-se, pelo menos nos tempos mais chegados. Talvez nem isso lhe convenha. Tem em casa uma esposa ignorante e submissa, que aceita a vida que tem como uma benção, cuida dos filhos, da roupa e lhe faz o comer. É o escudo que o protege de novos e complicados compromissos (Muianga, 2016, p. 119).

A heterodiscursividade amarrada para compor o enunciado acima desenha perfeitamente a convenção social dominada pelo machismo. Verifica-se no fragmento que o “discurso do outro já não atua como informação, instrução, regras, modelos, etc.,” ele determina os próprios fundamentos da relação ideológica do autor com o mundo (Bakhtin, 2015, p. 135–136). A voz que narra a percepção de Pôncio sobre a relação com a esposa, revela um discurso prepotente, misógino e egoísta, que além de degradar a imagem da parceira rotulando-a de “ignorante e submissa” e mantê-la sob cega sujeição, frisa que, mesmo insatisfeito com o casamento, não alimenta intenção de divorciar-se, pois na qualidade de machista convicto, sabe aproveitar bem as regalias que o patriarcado lhe concede: se sente livre para se relacionar com outras mulheres e, ao regressar ao lar, não precisa dar nada ou dar muito pouco em troca.

Nesse sentido, é imperiosa a menção de que o ato criativo absorve do contexto cultural e expõe no enredo informações que nos permitem compreender que essa bagagem machista é tão devastadora e poderosa a ponto de convencer também as próprias mulheres, de que essas imposições estigmatizantes prevaletentes nos contextos social, econômico, cultural, religioso e político é algo natural, inerente às suas vidas, devendo estas resignar-se e acomodar-se na posição servil. Ao colocar a esposa em posição passiva, resignada, que “aceita a vida que tem como uma benção”, temos aí figurado que as mulheres também são contaminadas pela arcaica ideia de que devem “engolir” o estereótipo da inferioridade, de servir, cuidar e existir para manter o casamento e a família, mesmo em situações degradantes (Saffioti, 2015, p. 24).

O problema sublinhado pelo autor-criador, assim como suas pontuações valorativas afirmam uma convergência dialógica com os atos e estudos feministas e nos ajudam a compreender que os mecanismos de reprodução da dominação masculina são extensos e se traduzem de diversas formas. Como já abordado por Saffioti (2015, p. 24), as regras de domesticação são plantadas desde a infância. Desde cedo essas prescrições unilaterais vão perfazendo as identidades femininas e fazendo-as crer que devem se anular como pessoa para priorizar o outro. Em consequência, fomenta a crença que faz parte da natureza das fêmeas suportar o desamor, episódios de violência e abuso por parte de seus companheiros. Acrescenta a filósofa que as condições psicológicas, sociais e econômicas provocam um estado de resignação e faz com que muitas mulheres não tenham forças, para romper a relação abusiva ou de opressão em que sobrevivem (Saffioti, 2015, p. 25).

Vê-se, portanto, que em toda configuração do enredo existe a associação dos fatores gênero, raça e classe social, mostrando o autor-criador que estas categorias opressivas se entrelaçam e determinam quais as oportunidades e o tipo de vida que costuma ser permitido às mulheres. No caso em análise, o conteúdo trabalhado pelo autor não é somente

a postura desonesta e infiel de Pôncio, mas uma crítica à desigualdade de oportunidades construídas entre homens e mulheres. Pôncio, o esposo, tem escolaridade, domínio sobre os recursos produtor, renda e liberdade para ir e vir. A esposa é leiga, excluída de postos de trabalho, invisibilizada, silenciada, inscrevendo-se, desse modo, numa classe menos favorecida economicamente, arcando ainda com o desprezo do esposo, com o peso do descrédito e da desvalorização social.

Considerações

Analiticamente, é possível verificar tanto em “Maria” quanto em “Pôncio e seus amores”, mulheres negras em posições destituídas de poder dentro de uma conjuntura social, bastante rígida. O primeiro conto constrói-se a partir de uma mistura de vozes que reafirmam o quanto o racismo rebaixa o status dos gêneros, inferioriza mulheres negras e as sujeitam à exploração e à violências físicas e simbólicas. No caso aludido, temos uma mulher negra que sobrevive da prestação de serviços domésticos. Os elementos econômicos, sociais e culturais trazidos pela autora-criadora para representar a trágica experiência de sua heroína, refletem, com êxito, o modo subalterno e dissociado de valor econômico e social com que a sociedade encara essa ocupação profissional. A configuração dialógica que o texto elabora deixa reconhecível que Maria é vítima de uma escravidão que se reestrutura para se adequar ao tempo, já que enfrenta o trabalho pesado, jornadas extenuantes, alimentação limitada, baixos salários, sendo impactada pela violência de gênero e raça.

Por outro ângulo, em “Pôncio e seus amores”, a trama discursiva, os valores e a axiologia que fundam o conto trazem um personagem masculino para problematizar aspectos que indicam a reprodução sistemática de práticas discriminatórias e segregatícias que limitam mulheres. Por meio do portar-se do personagem, fica declarada, toda a engenhosidade patriarcal articulada para confinar mulheres no recinto doméstico, negando-lhes acesso à escola, poder de compra e independência financeira. Constatamos que o autor-criador se ocupa em representar que a distribuição sexual do trabalho se sustenta na separação entre tarefas e funções consideradas adequadas para um ou outro sexo e que, nessa organização, as incumbências e atribuições de maior valor e reconhecimento social são tituladas aos homens, restando à mulher uma vivência mitigada que se resume a servir o outro e a enfrentar o desprezo e as descortesias que advém desse processo.

Essas colocações fortalecem o entendimento de que o conto, assim como o romance, é um gênero literário que se caracteriza por sua capacidade de refratar a vida humana de maneira abrangente, pois, como visto, as ocorrências representadas pelos autores-criadores não destoam da realidade, dos eventos históricos, sociais e culturais que movimentam as relações humanas (Bakhtin, 2015, p. 27). É acertado afirmar que as duas narrativas têm como traços comuns, uma heterodiscursividade que testemunha, de modo consistente, que mulheres negras enfrentam desafios únicos e interligados devido a fatores desencadeados pela raça, gênero e classe. Entretanto, as vozes infiltradas nos textos não são uníssonas. “Maria” assimila nuances valorativas que problematizam a questão dos estereótipos, subemprego, insegurança financeira e a violência. Nas discussões propostas em “Pôncio e seus amores”, temos uma pluridiscursividade que se contrapõe a uma ordem social que nega oportunidades educacionais, acesso a emprego, renda e faz da mulher dona de casa submissa e abnegada.

Referências

- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 6. ed. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- BAKHTIN, Mikhail. *Teoria do romance I: A estilística*. Tradução, prefácio, notas e glossário de Paulo Bezerra; organização da edição russa de Serguei Botcharov e Vadim Kójinov. São Paulo: Editora 34, 2015.
- BAKHTIN, M. *Os gêneros do discurso*. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. Notas da edição russa de Serguei Botcharov e Vadim Kójinov. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2016.
- BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 2012.
- BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF: Presidente da República, 2023. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 09 abr. 2023.
- CARNEIRO, Sueli. *Escritos de uma vida*. São Paulo: Pólen, 2019.
- COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma Bilge. *Interseccionalidade*. Tradução de Rane Souza. São Paulo: Boitempo, 2021.
- CRENSHAW, Kimberlè. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. *Revista de Estudos Feministas*, v. 7, n. 12, p. 171-88, 2002.
- DUARTE, Eduardo de Assis. Mulheres marcadas: literatura, gênero, etnicidade. *Scripta*, v. 13, n. 25, p. 63-78, 17 dez. de 2009.
- DALCASTAGNÈ, Regina. Para não ser trapa no mundo: as mulheres negras e a cidade na narrativa brasileira contemporânea. *Estudos de literatura brasileira contemporânea*, n. 44, p. 289-302, jul./dez. 2014.
- DIEESE, Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos. *A inserção das mulheres no mercado de trabalho (2021)*. Disponível em: <https://www.dieese.org.br/rel/icv/icv.xml>. Acesso em: 02 jan. 2023.
- EVARISTO, Conceição. Maria. In: *Olhos D'água*. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016. p. 41-44.
- FARACO, Carlos Alberto. Autor e autoria. In: BRAIT, Beth (org.) *Bakhtin: conceitos-chave*. 2. ed. São Paulo: Contexto, p. 37-60, 2005.
- CONZALEZ, Lélia. *Primavera para as rosas negras: Lélia Gonzalez em primeira pessoa*. Diáspora Africana: Editora Filhos da África, 2018.
- MICHAELIS dicionário brasileiro da língua portuguesa. São Paulo: Melhoramentos, 2019. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/busca?id=zow>. Acesso em: 23 mar. 2023.
- MUIANGA, Aldino. Pôncio e seus amores. In: *A noiva de Kebera*. São Paulo: Editora Kapulana, 2016. p. 113-126.
- NUNES, Jozanes Assunção. Capítulo 1- Conceitos bakhtinianos. In: NUNES, Jozanes Assunção. *Currículo e Responsividade: entre políticas, sujeitos e práticas*. Cuiabá: EdUFMT, 2019. p. 23-44.
- RIBEIRO, Djamila. *Lugar de fala*. Coleção Feminismos plurais. São Paulo: Polén, 2019.

SAFFIOTI, Heleieth. *O poder do macho*. São Paulo: Moderna, 1987.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. *Gênero, patriarcado, violência*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2015.

SANTOS, Silvana Alves; NUNES, Jozanes Assunção. Matizes da violência sexual na literatura afro-brasileira e moçambicana à luz da análise dialógica do discurso. *Organon*, Porto Alegre, v. 37, n. 74, 2022.

SPIVAK, Gayatri C. *Pode o subalterno falar?* Tradução de Sandra R. Goulart Almeida; Marcos Pereira Feitosa; André Pereira. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

PEREIRA, Ianá Souza. *De contos a depoimentos: memórias de escritoras negras brasileiras e moçambicanas*. 2018. 140 f. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, Instituto de Psicologia, São Paulo, 2018.